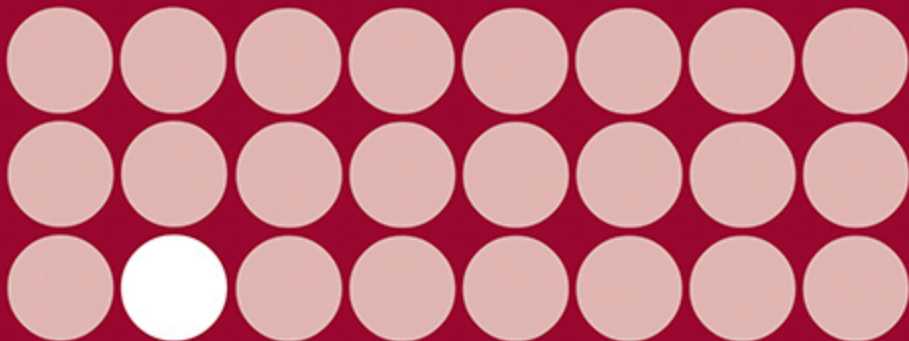


Jeremias e Lamentações

Introdução
e comentário

R. K. Harrison



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA·  VIDA NOVA

ÍNDICE

Prefácio Geral	5
Prefácio da Edição em Português	6
Prefácio do Autor	8
Abreviaturas	9

JEREMIAS

Introdução	11
Título e posição no Cânon	11
Transfundo Histórico e Arqueológico	11
Formas de aliança no Antigo Oriente Próximo	20
Estrutura, Autoria e Data	22
O homem e sua mensagem	27
O texto Hebraico e a Septuaginta	34
Breve Bibliografia	36
Análise	37
Comentário	38
Notas Adicionais	
Profetas Falsos e Verdadeiros	97
A Nova Aliança	110

LAMENTAÇÕES

Introdução	155
Título e Posição no Cânon	155
Transfundo Histórico	155
Estrutura, Autoria e Data	156
As Linhas Mestras da Poesia Hebraica	158
A Teologia de Lamentações	159
O Texto Hebraico e a Septuaginta	161
Breve Bibliografia	162
Análise	163
Comentário	164

PREFÁCIO DO AUTOR

Os dois livros que fazem parte deste comentário tratam de um dos acontecimentos mais trágicos da vida do Povo Escolhido. O primeiro deles traça um quadro dos judeus despreocupados de antes do exílio, tolerando sem constrangimento as formas mais grosseiras de idolatria, ignorando as muitas advertências quanto à destruição iminente que Jeremias, seu compatriota, fazia; até que a ruína prometida desabou sobre suas cabeças. O segundo livro mostra algo da devastação e da agonia que acompanhou o julgamento divino do pecado nacional, quando Jerusalém caiu em 587 a.C. O dois juntos formulam uma teologia do desastre das mesmas dimensões de uma catástrofe; mas, apontando insistentemente para a aliança do Sinai, eles indicam o caminho que atravessa o sofrimento até a renovação espiritual.

Descobertas arqueológicas importantes enriquecem o texto estudado, e os problemas textuais mais significativos foram abordados nos lugares mais apropriados no comentário. As datas foram escritas geralmente assim: 605/4 a.C., porque o ano hebraico não coincide com o período janeiro-dezembro do ano civil ocidental.

Quero expressar minha gratidão ao Rev. Norman Green, Diretor Assistente do Planetário McLaughlin em Toronto, por sua gentileza e competência em corrigir as provas deste livro, e ao professor D. J. Wiseman pela supervisão geral desta obra.

Wycliffe College,
Universidade de Toronto

R. K. Harrison

PRINCIPAIS ABREVIATURAS

- ANET** *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament* (Textos do Antigo Oriente Próximo relacionados com o Antigo Testamento), editados por J. B. Pritchard, 1950.
- CCK** *Chronicles of Chaldean Kings (626-556 a.C.) in the British Museum* (Crônicas dos Reis Caldeus no Museu Britânico), D. J. Wiseman, 1956.
- HIOT** *Introduction to the Old Testament* (Introdução ao Antigo Testamento) de R. K. Harrison, 1969.
- IBB** Versão da Imprensa Bíblica Brasileira, de acordo com os melhores textos em hebraico e grego, 1976.
- JBL** *Journal of Biblical Literature* (Revista de Literatura Bíblica).
- JNES** *Journal of Near-Eastern Studies* (Revista de Estudos do Oriente Próximo).
- JQR** *Jewish Quarterly Review* (Revista Judaica, trimestral).
- LXX** Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento do terceiro século a.C.).
- NDB** *O Novo Dicionário da Bíblia*, ed. J. D. Douglas, Edições Vida Nova, SP, 1978. Editor em português, R. P. Shedd
- RAB** Edição Revista e Atualizada no Brasil da Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. Todos os textos não identificados são desta versão. As referências em negrito são do livro que está sendo estudado.
- TM** Texto Massorético (hebraico).

INTRODUÇÃO

I. Título e Posição no Cânon

O livro de Jeremias recebeu seu nome do autor que lhe é atribuído; o celebrado profeta de Judá do mesmo nome, do sétimo século a.C. Sua posição no cânon hebraico tem sido sempre entre Isaías e Ezequiel. Somente uma tradição rabínica, preservada em *Baba Bathra 14b*, menciona os três livros nesta ordem: Jeremias, Ezequiel e Isaías. Muitos manuscritos europeus, principalmente de origem francesa e alemã, adotaram esta tradição, colocando Jeremias como o primeiro dos Profetas Posteriores.

Na LXX o livro está na mesma posição como nas nossas traduções, mas na Peshita Siríaca ele se encontra imediatamente depois dos doze profetas menores. O nome Jeremias aparece no hebraico como *yirmeya* ou *yirmeyahu*, transliterado na LXX como *Ieremias* e nas versões Latinas como *Jeremias*. Não sabemos o verdadeiro significado do nome; “o Senhor estabelece”, “o Senhor exalta” ou “o Senhor derruba” são sugestões possíveis.

II. Transfundo Histórico e Arqueológico

Alguém observou, corretamente, que em tempos de grande importância na história do seu povo, Deus chamou homens espiritualmente de destaque para guiar a nação de acordo com a vontade divina e manter acesa a visão do seu destino como Povo Escolhido. Jeremias foi um destes homens, chamado para desincumbir-se desta tarefa importante, dificultada sumamente pela contínua crise política e religiosa no reino do sul durante o seu ministério. O profeta falou em uma época em que o antigo Oriente Próximo estava fermentando como nunca. Ele viu o poderoso império assírio entrar em colapso, enquanto surgia um forte regime babilônico que se espalhou pelo Oriente Próximo e combateu os exércitos egípcios até acabar com as suas pretensões. Em seu próprio país Jeremias presenciou uma sucessão de crises políticas, intercaladas de períodos muito curtos de espe-

JEREMIAS

rança pela estabilidade nacional. Quando o império Assírio renunciou à sua esfera de influência política, por causa da sua rápida desagregação, o reino do sul teve um período agradável de independência, sem controle externo. Este intervalo, porém, terminou muito rapidamente, quando o Egito tentou restabelecer seu domínio sobre a Palestina e a Síria. Como se esta servidão não fosse suficiente, Judá foi obrigado a trocar um senhor mau por outro pior ainda, quando os exércitos babilônicos e caldeus puseram um fim à existência do reino do sul, deportando quase toda a população do país. As diversas crises agonizantes pelas quais passou a nação estão claramente evidenciadas nos pronunciamentos de um dos mais leais filhos de Judá. As palavras de Jeremias espelham, com sua angústia e seu sentimento, a cruel tragédia que levou à extinção da nação.

Para visualizarmos o significado da posição de Jeremias em Judá, e a sua tristeza pessoal ao proclamar o destino de uma nação teimosa e despreocupada, precisamos nos familiarizar com os acontecimentos que levaram ao colapso do reino do sul. Em 639 A.C., mais ou menos a época em que Jeremias nasceu, Josias se tornou rei de Judá com a idade de oito anos, como resultado do movimento popular que também liquidou os que tinham assassinado seu pai Amon (2 Rs 21: 24, 2 Cr 33: 25). As passagens que descrevem o reinado de Josias (2 Rs 22: 1-23: 30, 2 Cr 34: 1-35: 27), falam principalmente da grande reforma religiosa que ele promoveu. O primeiro estágio deste programa de reformas data do oitavo ano do seu reinado (mais ou menos 631 a.C.), pouco antes da morte de Assurbanipal (mais ou menos 626 a.C.)¹, o último grande rei assírio. Parece que Jeremias foi profundamente influenciado pela maneira com que Josias renunciou firmemente ao politeísmo corrupto que seu pai Amom e seu avô Manassés haviam praticado.

Depois da morte de Assurbanipal os assírios estavam tão às voltas com sua fraqueza interna que foram incapazes de impedir Josias de declarar sua independência, repudiando o domínio assírio. Outros povos também tiraram proveito da situação incontrolável da grande extensão do império assírio, inclusive os cimérios e os citas da região do Cáucaso. Os medos do Irã Ocidental, que os assírios tinham combatido antes sempre com sucesso, começaram a constituir uma séria ameaça à própria sobrevivência do império, e isto se tornou ainda mais grave quando os babilônios declararam sua independência sob Nabopolassar (626-605 a.C.). A Assíria tinha tido alguns bons resultados militares no Egito em 663 a.C. sob Assurbanipal, mas a situação se inverteu com um ressurgimento do poder egípcio depois da ascensão do

1 Para discussão desta data veja A. Poebel, *JNES*, II, 1943, pp. 85ss; W. H. Dubbers-stein, *JNES*, III, 1944, pp. 38ss; F. M. Cross e D. N. Freedman, *JNES*, XII, 1953, pp. 56ss; C. J. Gadd, *Anatolian Studies*, VIII, 1958, pp. 35ss; W. F. Albright, *The Biblical Period from Abraham to Ezra*, pg. 79.

faraó Psamético ao trono (644-610 a.C.).

Aproximadamente cinco anos depois que Josias instituiu suas reformas em Jerusalém, Jeremias recebeu um chamado divino para ser profeta ao povo de Judá. Entre esta época (mais ou menos 626 a.C.)² e a reforma religiosa de 621 a.C. Jeremias concentrou-se em advertir a nação quanto à iminente invasão do norte (1: 13s), e em denunciar a corrupção em suas diversas formas na vida do povo. Quando um rolo da lei foi encontrado no Templo durante as obras de restauração, levando à grande reforma instituída pelo rei Josias, Jeremias ficou em posição de destaque como proclamador da aliança entre Deus e Israel (11: 1-8).

Na Assíria os acontecimentos estavam se aproximando do seu desfecho. Por volta de 617 a.C. os babilônicos, sob Nabopolassar, se aliaram aos medos e começaram a atacar as principais cidades assírias. A capital, Assur, foi conquistada em 614 a.C., e dois anos depois a poderosa Nínive capitulou diante dos invasores. Os desorganizados assírios fugiram para Arã, e Psamético se colocou do lado deles, pois sem dúvida ele queria a Assíria como estado-tampão entre o Egito e a cada vez mais forte Babilônia. Arã foi conquistada pelos babilônios e medos em 610 a.C., o ano em que morreu Psamético, e o que restou da Assíria nunca mais pôde se levantar contra a Babilônia.

Com a intenção de manter o domínio sobre Palestina e Síria o sucessor de Psamético, faraó Neco (610-594 a.C.), marchou pela planície costeira da Palestina para ajudar os últimos resistentes assírios contra os babilônios em Arã, como mostram as Crônicas da Babilônia. Isto preocupou muito a Josias de Judá, porque não tinha nenhum desejo de ver exércitos egípcios ajudarem os inimigos hereditários do reino do sul. Por esta razão ele marchou para Megido em 609 a.C. na tentativa de bloquear o avanço das forças egípcias, sendo morto na batalha. A perda do seu rei e da independência ao mesmo tempo, foi a primeira grande tragédia que atingiu o reino de Judá, e a calamidade foi expressa pela tristeza do povo quando o corpo de Josias foi trazido de volta a Jerusalém em sua carruagem (2 Rs 23: 29s, 2 Cr 35: 20-25).

Jeoacaz, filho de Josias, o sucedeu no trono, empossado pelo povo, mas Neco se sentiu ameaçado por isto e causou outra crise em Judá três meses depois da posse de Jeoacaz, depondo-o e colocando em seu lugar seu irmão mais velho, Jeoaquim. Jeoacaz foi levado para o Egito (2 Rs 23: 31-35), provavelmente como refém para garantir a submissão de Judá, que foi obri-

2 Cf. J. P. Hyatt, *JBL*, LIX, 1940, pp. 112 e 121; *JNES I*, 1942, pp. 156ss; e em *The Interpreter's Bible* (1956), V, pp. 779s, afirma que a data da chamada do profeta deve estar entre 614 e 612 a.C., rejeitando a evidência de 1: 2. A réplica foi dada por H. H. Rowley em *Studies in Old Testament Prophecy presented to T. H. Robinson* (1946), pg. 158, e em *Men of God* (1963), pp. 136 ss.

JEREMIAS

gado a pagar pesado tributo ao Egito, perdendo assim sua independência política.

Durante os três anos seguintes Neco manteve um poder militar considerável na Palestina e na Síria, favorecido pelo fato de que os babilônios estavam reagrupando suas forças e fortalecendo sua fronteira norte contra ataques de tribos das montanhas. Por causa disto os babilônios não fizeram nenhum sério ataque contra os egípcios durante este tempo, além de pequenas escaramuças.

Neste intervalo a sorte do profeta Jeremias estava tão baixa como a do povo de Judá. Suas dificuldades foram intensificadas pelo assim chamado "discurso do Templo" (7: 1- 8: 3), que ele fez em Jerusalém por volta de 609 a.C. Com grande coragem o profeta ridicularizou a idéia popular de que a confiança no Templo, como habitação de Deus, livraria o povo em tempo de crise. Isto já era muito mau para o profeta, mas quando ele começou a profetizar que o Templo, tão reverenciado, teria o mesmo destino do tabernáculo de Silo alguns séculos antes, o povo não suportou mais as suas acusações, e o protesto que se seguiu quase lhe custou a vida.

Uma pessoa menos consciente do que Jeremias da sua missão como profeta chamado por Deus contra uma geração incrédula, apóstata e perversa, facilmente teria desistido, com a certeza de que não havia mais esperança. Mas Jeremias era, de corpo e alma, um patriota ardente e leal, e por isso ele achava que era sua obrigação informar seus compatriotas sobre os perigos que espreitavam por trás da situação internacional do momento. Com o colapso do império Assírio surgiu um regime poderoso na Babilônia, disposto a vencer qualquer força militar que se lhe opusesse. As aspirações internacionais dos egípcios também tinham se renovado, sob uma liderança vigorosa, depois de mais de um século de retração, e um conflito com Babilônia era uma conclusão óbvia.

Judá a esta altura era um estado-tampão, e a experiência militar de 609 a.C. não prometia um futuro promissor. Parecia de fato a Jeremias que Judá estava destinado a se tornar um campo de batalha, não importa o que acontecesse politicamente. Com este pressentimento negativo em mente, o profeta anunciou a quem quisesse ouvir que o reino do sul cairia diante do poder de Nabucodonosor (25: 9). Ele insistia com tanta firmeza que esta catástrofe seria iminente que, em profunda lealdade a seu país, ele fez grandes esforços para persuadir seus compatriotas a se tornarem vassalos de Babilônia imediatamente, para assim escapar ao massacre que viria se eles seguissem outros conselhos (27: 6- 22). Infelizmente para seu patriotismo e suas convicções a tendência do sentimento do povo era contra ele, atitude que por fim selou o destino da nação.

Mesmo estando cômico da crise política pela qual passava Judá, Jeoquim mostrou pouco interesse pelo iminente fracasso da reforma religiosa de Josias. Não há evidências de que os excessos do reinado de Manassés

voltaram a imperar em Judá, mas algumas práticas religiosas dos cananitas ressurgiram nesta época (7: 16-18, 11: 9-13). Esta tendência tinha pelo menos apoio semi-oficial, porque os que a ela se opunham corriam perigo de vida (26: 20-23). Sua falta de habilidade em ver as coisas na perspectiva certa levou-o a construir um palácio maior e mais esplêndido, empregando trabalho forçado (22: 13-19), algo que não fez Jeremias amá-lo mais. Este evento mostra que o desprezo que este rei-fantoche tinha pelo bem-estar do seu povo e do profeta era típico dele.

Acontecimentos de grande importância internacional se precipitaram quando Neco marchou de Megido para o Eufrates em 605 a.C., reagrupando suas forças em Carquemis, uma cidade que dominava a principal passagem pelo rio, a uns cem quilômetros a nordeste de Alepo. Seu objetivo era reconquistar a cidade e fazer dela uma base contra os babilônios. Para sua surpresa estes entraram repentinamente na cidade na primavera de 605 a.C., sob a liderança vigorosa de Nabucodonosor II. Os egípcios foram completamente dispersos durante um combate feroz ao redor da cidade (46: 2), e retrocederam em considerável desordem até Hamate, no rio Orontes. A batalha de Carquemis provou a superioridade militar dos babilônios, e marcou o momento em que a hegemonia do Oriente Próximo passou às suas mãos. Depois disto Jeremias estava mais convicto ainda de que Judá seria em breve um vassalo de Babilônia, se sobrevivesse como nação. Com todas as rotas de comércio nas mãos dos babilônios, o profeta viu claramente que era somente questão de tempo até que estes fizessem um ataque devastador contra o Egito.

Não querendo que seus inimigos tivessem tempo para se reagrupar, Nabucodonosor marchou em 604 a.C. pela planície costeira da Palestina, saqueou Ascalon e levou muitos dos seus habitantes cativos para Babilônia.³ Jeremias tinha predito este trágico acontecimento (45: 5-7), Sofonias também (Sf 2: 4-7), e parece ter tido um efeito profundo sobre as perspectivas do povo de Judá. Sem dúvida ele começou a sentir que não tardariam a passar por mais calamidades, e um jejum foi proclamado em Judá (36: 9). Pode ser significativo que a data deste jejum coincidiu com a campanha de Nabucodonosor contra Ascalon. Ainda em 604 a.C. Jeoaquim decidiu se submeter a Nabucodonosor, tornando-se seu vassalo, junto com alguns outros reis da região (36: 9-29). Jeoaquim era um rei fraco, que só pensava na sua vaidade e no seu egoísmo, mas era também um oportunista político. Abandonando a soberania egípcia ele claramente estava querendo alguns créditos para Judá diante dos babilônios, porque estava necessitando urgentemente disto. Assim que a crise política do momento diminuísse ele novamente cortejaria o Egito, como ficou provado em 601 a.C.

3 Cf. E. F. Weidner, *Mélanges syriens offerts à M. René Dussaud* (1939), II, pp. 923ss.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.